

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: 1399

Data: 19.04.85

Pg.:

São Paulo: três aldeias dos guaranis ganham proteção.

Como é que sobrevive, num Estado industrializado como São Paulo, a tribo guarani? Isto pode ser até mistério, para quem não conhece a força espiritual e os poderes de um cacique e um rezador como José Fernandes Soares, da aldeia do Morro da Saudade. O cacique guarani é um líder e um sábio.

E como este José Fernandes existem outros caciques e xamãs do mesmo respeito: Samuel Bento dos Santos, do Rio Silveira, Capitão Antônio Branco, do Itariri, Altino dos Santos, lá dos lados de Ubatuba. Aldeias como a do Morro da Saudade ou da Barragem, às margens da represa Billings, agora estarão a salvo, diante de qualquer ameaça, como diz o advogado indigenista Marco Antônio Barbosa, porque, hoje, o governador Franco Montoro assina um despacho homologando estas áreas e outras em que vivem no Estado tribos da nação guarani.

Os guaranis vieram do sul, sempre em busca de um paraíso na terra, a que chamam de Terra sem Males. Na busca de tal lugar, dedicaram suas andanças, principalmente no século vinte, e chegaram até o Espírito Santo, onde vivem numa região outrora de floresta, hoje de eucaliptos, próxima a um pantanal — onde pescam e caçam.

Segundo Maria Inês Martins Ladeira, coordenadora de projeto do Centro de Trabalho Indigenista e da equipe da Sudelpa, em São Paulo, "as aldeias guaranis não-assistidas pela Funai foram formadas ou preservadas pela vontade própria das famílias indígenas, segundo sua específica mobilidade social, independentemente da Funai ou do antigo Serviço de Proteção ao Índio. Sua formação contraria fundamentalmente a origem dos postos indígenas do Interior e do posto indígena de Peruíbe, antes numerosos, antigos ocupantes da área, e dos desterrados de Abarepebé, onde sobrevivem apenas as ruínas do convento".

Maria Inês e outros estudiosos dizem que os guaranis não aceitam o padrão de posto indígena da Funai. Por quê? Responde Maria Inês Martins Ladeira: "Devido a sua forma de administrar, o posto acaba impondo modelos externos à sociedade indígena, tanto no que se refere ao trabalho (sistema de produção e comércio de alimentos), à moradia (casas construídas e dispostas contrariamente ao padrão guarani e ao convívio social)."

Qual a origem das aldeias guaranis mais recentes? Diz a estudiosa que "as aldeias mais antigas, de formação no fim do século passado, como as de Itariri e Rio Branco, atraem famílias extensas, principalmente dos postos indígenas do Sul do País, que, descontentes com as pressões sofridas e com o modo de vida a que são submetidos pela Funai, partem em direção ao litoral de São Paulo à procura de uma vida melhor, à procura da Terra sem Males. Esse percurso não é aleatório, pois vários pontos do Litoral são tidos como território onde viveram seus antepassados, e a perambulação e procura de fixação sempre ocorre nesses mesmos locais. Depois de permanecerem algum tempo em Itariri e Rio Branco, as famílias migrantes do Sul partem para fundar suas próprias aldeias nas regiões já conhecidas do Litoral Norte".

O despacho do governador Franco Montoro estará homologando, hoje, a demarcação das aldeias de Itariri, no município de Itariri, e do Morro da Saudade e de Crucutu, no município de São Paulo, às margens da represa Billings. Estas áreas, segundo o advogado Marco Antônio Barbosa, foram demarcadas pela Sudelpa em convênio com a Procuradoria do Estado de São Paulo e a Funai. Marco Antônio Barbosa, como advogado, vem trabalhando desde 1981 na defesa jurídica de terras dos Guaranis. Foi através dele, que a tribo Guarani conseguiu uma liminar garantindo sua área em São Sebastião — fato pioneiro porque assim "passou a ser reconhecida a capacidade processual da comunidade indígena".

O advogado escreveu um pequeno trabalho em que diz que "existe uma profunda coesão interna que se manifesta principalmente através de uma imensa religiosidade expressa nas rezas em conjunto de homens, mulheres e crianças, que desde pequenos já participam das cerimônias. Essas rezas são sempre em idioma guarani, que é falado por todos. A visão de mundo dos Guaranis é muito religiosa. E é a partir desta visão que eles se deslocam por lugares tão distantes.

As aldeias Guarani do Litoral são pequenas. Cada uma tem o seu chefe religioso. Mas os Guaranis estão unidos, de aldeia a aldeia — distantes que estejam uma das outras — por relações de parentesco ou até econômicas. Maria Inês Martins Ladeira explica: "Invasões, desmatamentos e conflitos de terra atingem todas as aldeias Guarani, que dependem do intercâmbio dos recursos existentes em cada uma delas. Os cipós, as penas, taquaras e paus usados na confecção do artesanato, a caça miúda encontrada na Serra do Mar não são propriedade apenas da comunidade que habita a região. Mesmo as roças, feitas em mutirão nas aldeias onde há mais espaço, garantem o sustento de todos os que as visitam. Sem os recursos da aldeia da Serra do Mar, as aldeias da periferia de São Paulo sucumbiriam, pois as 50 famílias que dividem um espaço inferior a 20 alqueires não teriam condições de sobrevivência, apesar das doações paliativas das associações beneficentes que fervilham na capital".

"A sobrevivência da sociedade Guarani como um todo depende, portanto, das terras junto à Serra do Mar, da qual utilizam os recursos, ao mesmo tempo que a preservam, pois sabem que a natureza é a garantia de sua vida e de seu modo de ser. (...) Para o Guarani, a vida, e tudo o que está diretamente relacionada com ela, é sagrada: o alimento, as plantas, o trabalho, a terra. A religiosidade que norteia toda a visão de mundo Guarani não permite que eles destruam ou retirem da natureza mais do que o essencial, que plantem além do necessário para o consumo ou comercializem o excedente, que lutem ou usem de força a não ser a espiritual, para defender suas terras, embora saibam que delas dependem para viver."

(Marcos Faerman)



Índia guarani em culto religioso.